

Autor: Francisco Sales Areda

AS AVENTURAS DO AMARELO
JOÃO CINZEIRO PAPA ONÇA



Autor FRANCISCO SALES AREDA

As aventuras do Amarelo

João Cinzeiro Papa Onça

Cada vivente ao nascer
traz seu programa traçado,
para o bem ou para o mal
prá ser um rico ou arrasado
prá ser valente ou mofino
já vem tudo preparado

Não há nada sem proveito
entre as obras que Deus cria
tudo tem o seu progresso
e cada coisa tem o seu dia
por ruim que seja o troço
tem a sua servente

E já que tudo está
traçado pelo divino
contarei u,a história
de um amarelo mofino
que se tornou um herói
guiado pelo destino

Lá na praia de Goiana
há muitos anos viveu
um amarelo pançudo
chamado João de Abreu
desses que a natureza
em nada lhe protegeu

Criou-se na beira-mar
pegando siri de mangue
amarelo que não tinha
em si um pingo de sangue
babechudo esferrapado
que parecia um «quilangue»

Assim mesmo nessa vida
de pobreza horrorosa
casou-se com u'a negra
feia caspenta e sabosa
tão ruim que lhe chamavam
a negra Joana amargosa

E João na unha de Joana
sofria o que o diabo enjeita
porque ela era pior
do que febre de maleita
tinha astúcia de macaco
e invenção de nova seita

Na hora que se danava
pegava João no gogó
dava-lhe tanta pancada
que era de fazer dó
pisava ele todinho
da cabeça ao mocotó

E João depois que levava
bofete, murro e sopapo
ia prá beira do fogo
cançado batendo o papo
ficava lá assessorado
inchado que só um sapo

(3)

E Joana feito u'a fera
dava estouro e rabissaca
partia em cima de João
como cobra jararaca
de vez em quando cobria
o amarelo na macaca

Nesta vida de flagelo
João sofria de mais
nas unhas da negra Joana
a caninena voraz
João representava um Cristo
e a negra um setanaz

Porém como o destino
em tudo resolve e manda
e o coração alheio
é terra que ninguém anda
a vida tem duas rodas
que uma anda outra desanda

Enquanto roda a esquerda
só traz flagelo e tortura
e a direita produz
bonança, paz e doçura
por isso tornou-se João
a mais feliz criatura

Em um dia que a negra
deu-lhe um surrote malvado
com um cipó japecanga
deixou-o todo retalhado
João foi prá beira do fogo
e lá ficou acocorada

Se lastimando dizia
 não posso mais suportar
 com esta mulher que tenho
 eu vou morrer de apanhar
 um dia ainda sou homem
 e ela vai me pagar

De hoje por diante juro
 não levar mais bofetão
 quem morre no pau e cobra
 vou mudar de profissão
 seguir pelo mundo afora
 matar onça no sertão

Foi na casa de um vizinho
 e lhe pediu emprestado
 um chapéu velho de couro
 adiante e atrás quebrado
 botou na cabeça e disse
 com esse eu vou prá Canado

Mandou abrir um letreiro
 no seu chapéu bem na frente
 que quem o via de longe
 lia tudo claramente
 «João Cinzeiro Papa Onça»
 força de fera valente

E Joana quando viu isso
 soltou u'a gargalhada
 dizendo talvez agora
 eu vá ficar descansada
 lá no sertão u'a onça
 faz dele u'a panelada

Assim João se preparou
para fazer a jornada *
e Joana disse vai te
atraso ruim de estrada
que é melhor viver só
de que mal acompanhada

Com destino a matar onça
seguiu João de mundo afora
andou quase 30 dias
sem com nada ter demora
atrás do que procurava
um dia chegou a hora

O Sertão de Piancó
nesse tempo era um deserto
que de u'a casa pra outra
com 3 léguas era perto
tudo de bosque e vereda
sem se encontrar rumo certo

A onça dava na cara
em todo pé de serrote
e onde tinha fazenda
as bichas faziam lote
sangrando bode e carneiros
bezerros e novilhotes

De outubro pra novembro
num bom tempo de verão
João chegou lá na fazenda
do major Luiz Simão
na gema do Piancó
naquele alto sertão

Foi pedir u'a dormida
na casa do fazendeiro
quando o major avistou
foi lendo logo o letreiro
que João tinha no chapéu
e perguntou-lhe ligeiro

Amigo vá me dizendo
se este letreiro é verdade
porque se for você vai
me fazer u'a caridade
matar u'a fera que estraga
na minha propriedade

É uma pintada afolta
feroz e descomunal
que saagra gado no campo
por dentro do cipoal
e quase todas as noites
ainda vem ao curral

Não há cerco nem vaqueiro
que pegue a bicha selvagem
e para enfrentá-la a pelto
aqui ninguém tem coragem
eu pagarei muito caro
quem tirá-la da pastagem

Dou 5 novilhas boas
e mais 10 contos de réis
a qualquer um que quiser
desempenhar os papéis
e me trazer esta fera
para mostrar em meus pés

João, disse: seu major
conte comigo de frente
e pode ficar na certa
que esta fera valente
eu vou pegá-la de mão
e arrancar dente por dente

Pois nunca enjetei parada
barulho nem «geriagonça»
sou o acalenta fera
lá da barra do Mendonça
o senhor vai saber quem é
João Cinzeiro Papa Onça

Pois não conto mais as feras
que eu já tenho sangrado
já vivo amarelo assim
de passar noite acordado
até o dia que vejo
o couro dela espichado

O major disse: está certo
vamos ver se a coisa vai
onça não é brincadeira
porém dizia meu pai
da moita que não se espera
é dela que o coelho sai

Você aqui tem morada
cama boa e refeição
e tem mais um ajudante
armamento e munição
até dar fim a esta fera
que me estraga a criação

Disse João; não quero arme
munição nem ajudante
só basta este cacete
e esta macaca possante
para acabar com a vida
de qualquer onça gigante

O major está pensando
que eu sou de caçoada
e para matar a'a onça
preciso de camarada
se eu me zangar trago é uma
pelo gogô amarrada

Quero é somente que ela
venha ao curral qualquer hora
se não vir eu vou atrás
atê ver onde ela mora
de qualquer jeito ela deixa
de dar prejuizo agora

Muito bem disse o major
tome conto da fazenda
que a bicha vem qualquer hora
meta o peito se defenda
disse João: se ela vir
recebe sua encomenda

Afinal as 10 da noite
João foi ao pé do mourão
com a macaca e u'a corda
e um cacete na mão
o major disse aquele
nunca mais come pirão

Mas João era experiente
e vendo a morte na vista
disse consigo essa onça
com certeza vem na pista
mas ela prá me pegar
tem que trabalhar de artista

Pegado com o curral
tinha u'a grande aroeira
grossa, bem alta, esgalbada
e esta árvore verdadeira
o tronco dela servia
para o mourão da porteira

Já perto de meia noite
todo mundo ali dormia
João disse eu vou é subir
por esta árvore sombria
que não vou servir de bucha
prá encher buça vadia

Foi ficar no último galho
prá se livrar do revés
e disse de manhãzinha
pelo mundo largo os pés
embora perca as novilhas
e os 10 contos de réis

Não demorou meia hora
que João estava trepado
a onça se aproximou
soltando esturro e miado
que o gado se levantou
e correu tudo assombrado

A lua estava bem clara
brilhando no firmamento
e João avistando um bicho
do tamanha de um jumento
com a cabeça prá cima
farejando pelo vento

Deu uma tapa tão grande
que derrubou a porteira
e começou farejando
no tronco da aroeira
e seguiu pro lado dêle
subindo em tôda carreira

Aí João disse danou-se
agora vou me acabar
mas o galho que ele estava
não deu pra ela chegar
porque era muito fino
ela não pode passar

Ficou a 2 ou 3 metros
com o olhar nele fitado
soltando esturro rugido
como um dragão enfezado
e João dizia ai meu Deus
sei que vou morrer sangrado

Que fera tão grande e féia
valei-me Nossa Senhora
subir mais não tem pra onde
se descer ela devora
se pular no chão eu marro
o que é que faço agora

Porém Deus protege os fracos
na hora do desespero
e João lembrou-se que tinha
na algibeira um tabaqueiro
que estava cheio de tabaco
de fumo bom verdadeiro

João pegou o tabaqueiro
com seu belo preparado
e encheu os olhos dela
com fumo pulverizado
que em menos de um minuto
a onça comeu trancado

Quando o tabaco bateu
foi aprovado o estudo
a onça velha agarrou-se
com os pés no Pau cascudo
e passou as mãos nos olhos
que saiu resgando tudo

João gritou eita danada
você agora encontrou
depressa jogou a corda
pelo pescoço laçou
deu 3 voltas e um nó cego
e a bicha pendurou

Aí meteu-lhe a macaca
com toda força e vingança
soltando grito de alarmar
que assombrou a vizinhança
quando chegaram ela estava
fazendo sua matança

O povo corria doido
n'ua confusão da breca
uns enrolados em lençol
e outros só de cuéca
outras nús como nasceram
levando baque e sapeca

Teve um cabra que chegou
enrolado com um saeo
e um negro velho correu
nuzinho como um macaco
a velha de um morador
chegou só com o casaco

O major com o vexame
no meio da confusão
quando foi se levantando
largou a velha no chão
em vez de vestir as calças
botou só o cinturão

U'a moça filha dele
caiu do mesmo estado
e a velha quase doida
com o barulho danado
correu somente de saia
e o mais tudo pendurado

Ficaram lá reunidas
na porteira do curral
mais de 50 pessoas
num borburiho infernal
sem darem fé que estavam
no mais pior carnaval

João lá em cima trepado
dando grito e cacetada
e a onça pelo pescoço
numa corda pendurada
com os 2 olhos rasgados
estava morta enforcada

O major gritou dizendo
eita serviço bonito
matar onça pendurada
como quem mata um cabrito
este homem é um heroi
ou é um anjo maldito?

Ai João gritou de lá
traga onça fazendeiro
pode ferrar as novilhas
e vâ contando o dinheiro
que o senhor não tem onça
pra enfrentar João Cinzeiro

O major disse: esta certo
já ganhou perfeitamente
mas primeiro você diz
como homem que não mente
como subiu neste pau
com esta fera valente

Ora patrão! isto é nada
nem isto é onça: é um gato
não aguentou o meu tombo
subiu veloz como um rato
e eu vim matá-la aqui
para cumprir meu contrato

Então no dia seguinte
 o major pagou a João
 e sua fama espalhou se
 por toda população
 como o heroi João Cinzeiro
 papa onça do sertão

João ficou com o major
 gozando e passando bem
 porém outro fazendeiro
 a sua procura vem
 para matar u'a onça
 no seu cercado também

João ainda quis se negar
 mas se não fôsse era feio
 disse vames que eu quero
 na picha botar o freio
 mas dessa vez quase ele
 ia perdendo o passeio

A Serra-da Catingueira
 João Cinzeiro visitou
 na Fazenda Boa Vista
 com o fazendeiro ficou
 a fim de matar a onça
 quatro dia vaquejou

E u'a tarde ele ia
 pela beira do cercado
 quando a onça o presenitiu
 soltou um esturro rasgado
 que João correu quase deido
 com medo de ser tragado

Parém a bicha era alôite
e partiu sem fazer graça
João subiu n'ua oiticica
que só um gato de raça
defendeu-se do perigo
e fez da onça a desgraça

Pois essa velha oiticica
a 1 morro e meio de altura
abriu-se ali em 2 galhes
de u'a possante grossura
formando u'a forquilha
de u'a estreita abertura

Na carreira que ela ia
deu um salto desastrado
errou o prumo e caiu
no meio do gancho oitado
ficou lá estribuchando
com o pescoço enganchado

Quando João viu que a ença
tinha estileado a cabela
desceu-se da oiticica
com muito jeito e cautela
e foi avisar ao patrão
para mandar buscar ela

O povo vendo o serviço
perguntava admirado
como tinha sido aquilo
João dizia disfarçado
isso eu pego mesmo vivo
e mato assim enforcado

Ganhou João u'a fortuna
Pela segunda Vantagem
e disse quando tiver
esses gatos catrevagem
não mande mais me chamar
porque eu perco a viagem

De u'a fazenda pra outra
João foi nos braços levado
e toda moça queria
tê-lo como namorado
mas ele dizia a elas
meninas eu sou cazado

Com 4 meses depois
deu um passeio em Goiânia
dessa vez chegando em casa
agorrou a negra Joana
deu-lhe uma surra que ela
lançou sangue u.a semana

E voltou ao Plancó
com honras de cidadão
depois soube que a negra
estava debaixo do chão
e João casou com a filha
do major Lutz Stvão

ficou também fazendeiro
sonhando nova quimera
do lado da nova esposa
impia e zelosa de «Vera»
mãe Plancó morreu rico
sem nunca mais matar fera